MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
2 de Janeiro de 2018

I.

Presidente de Itália dissolve parlamento. País vai às urnas já no início de Março.

União Europeia critica afastamento de opositor de Vladimir Putin nas presidenciais da Rússia. Afastamento que segundo Bruxelas coloca sérias dúvidas sobre o pluralismo político naquele país.

E neste primeiro Magazine Europa do ano olhamos também para 2018 e para os novos e velhos desafios que a União Europeu enfrenta.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

O presidente italiano Sergio Mattarella dissolveu na semana passado Parlamento, abrindo caminho para novas eleições a 4 de Março de 2018. Paolo Gentiloni deverá permanecer no cargo de primeiro-ministro até à tomada de posse do novo Parlamento.

Paolo Gentiloni, Primeiro-ministro de Itália
Os italianos sabem que nas próximas semanas as atenções vão virar-se para a campanha eleitoral, como deve ser. Mas eu garanto-vos, meus concidadãos, que o governo não deixará de fazer o seu trabalho.

Nis últimos 70 anos de democracia, Itália já teve 64 governos. Desde 2013, o país teve três primeiros-ministros: Enrico Letta, Matteo Renzi e Paolo Gentiloni, todos do Partido Democrata.

Connosco ao telefone está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado em Bruxelas.

Victor, eu começava por perguntar. 70 anos e 64 governos. O que é que tem corrido mal?
A Itália tem um poder político muito instável, a Itália está muito dividida, continua muito dividida e as perspectivas depois das eleições de Março de 2018 é que possa haver um impasse político, ou seja, que os diferentes partidos que saiam das eleições não consigam chegar a um acordo rapidamente. Pode haver o perigo muito grande de uma aliança entre o Movimento Cinco Estrelas e a Liga do Norte. O Movimento Cinco Estrelas tem, segundo as sondagens, cerca de 28% dos votos, é um movimento muito

populista, com muita gente dentro do movimento que é anti União Europeia. E, por outro lado, a Liga do Norte é um movimento ou um partido político profundamente racista e xenófobo e que também não alinha pelos ideais europeus.

Portanto, este será sempre um governo de coligação.
Sim, haverá uma coligação, certamente. E a grande questão neste momento é que tipo de coligação. A Itália tem vários problemas. A Itália há muitos anos que tem problemas de falta de modernização da sua economia. A economia italiana durante décadas foi uma economia criadora, uma economia de ponta. No entanto, essa economia tem sofrido competição internacional e, neste momento, há um retrocesso em termos económicos. O crescimento na Itália continua a ser mais baixo do que no resto da Europa; a taxa de desemprego italiana é muito elevada, é acima da média europeia. O sector financeiro italiano também está em crise, muitos dos bancos italianos têm créditos mal parados que são dificilmente recuperáveis, ou seja, isso faz com que o sistema bancário da Itália esteja extremamente frágil. E a acrescentar aos problemas da economia e aos problemas das finanças e dos bancos, temos neste momento a grande questão da emigração. A Itália continua a ser o país que recebe uma grande parte dos imigrantes que chegam à Europa - recebeu mais de 600 mil nos últimos quatro anos. E a questão da emigração vai ser certamente um dos grandes temas durante a campanha eleitoral. E vai ser um tema que vai dividir muito a opinião pública italiana, porque uma parte da opinião pública italiana vai ser muito favorável aos discursos populistas e aos discursos do tipo racista.

Que papel tem hoje Itália no actual quadro da União Europeia, dominado pela Alemanha e por França?
A Itália foi um dos países fundadores e durante muitas décadas foi um país que pesava bastante na tomada de decisões. Perdeu com a crise política e a crise económica que o país tem vivido nas últimas duas décadas, diria assim, perdeu influência. No entanto, continua a ter algum peso dentro das instituições europeias. É preciso não esquecer que o presidente do Parlamento Europeu, António Tajani, é italiano e é provavelmente uma das personalidades que poderá ser o próximo primeiro-ministro na Itália num governo de coligação. É preciso também não esquecer que, ao nível das relações exteriores da União Europeia nós temos Federica Mogherini, por isso, as relações exteriores da Europa continuam em certa medida a ser influenciadas por políticos italianos e por uma visão italiana da política externa. E também temos ao nível do Banco Central Europeu Mario Draghi, que é evidentemente uma personalidade marcante na economia e nas finanças da Europa.

III.

Na Russia, Alexei Navalny era considerado por muitos o único candidato da oposição capaz de fazer frente a Vladimir Putin. Mas a candidatura do político às eleições presidenciais de Março de 2018 foi rejeitada. Em causa está o facto de Navalny ter sido condenado por corrupção. Sobre o processo, observadores referem que foi fabricado.
O afastamento do advogado de 41 anos motivou uma série de críticas, incluindo da União Europeia que diz que a questão coloca sérias dúvidas sobre o pluralismo político naquele país.
Assim que a comissão eleitoral se pronunciou, Navalny deixou a garantia:

Alexei Navalny, político
Um grande número de pessoas irá boicotar essas eleições e participará numa greve eleitoral.

Victor, Vladimir Putin vai candidatar-se a um quarto mandato presidencial. É visto como o favorito. Que fundamento é que têm estas acusações da União Europeia?
Há um problema de democracia e um problema de representatividade política na Rússia actual. Vladimir Putin quer voltar a ser eleito e todo o adversário que possa representar uma competição muito séria em relação à sua eleição por uma grande maioria, porque ele... não é apenas uma questão de ser eleito ou ser reeleito, mas Vladimir Putin quer ser reeleito com uma grande percentagem dos votos. Isso para ele é importante, porque lhe permite afirmar publicamente que tem a população russa por detrás dele e que o apoia. Isto significará que Vladimir Putin vai tentar impedir que todos os candidatos fortes, incluindo neste caso Alexei Navalny, não apareçam e não façam parte das listas de candidatura à presidência da Rússia.

Se Navalny pudesse entrar na corrida, quais seriam as reais hipóteses de sair com uma vitória?
Eu penso que ele não tinha nenhuma hipótese de ser eleito Presidente da República, mas teria a hipótese de retirar muitos votos ao presidente Vladimir Putin e é isso que Vladimir Putin não quer. Vladimir Putin pensa que ele representa a Rússia tradicional, ele representa a Rússia imperial, no que isso significaria no século XXI, evidentemente, e quer ser eleito com uma grande maioria e precisa - na maneira como ele vê a política interna russa - dessa grande maioria para continuar a governar o espaço russo, a política russa, sem qualquer tipo de oposição. Além disso, Vladimir Putin vai continuar a apostar no nacionalismo. Ele tem uma narrativa que é fundamentalmente a seguinte: a Rússia é um grande país, mas não

é reconhecido como tal pelos países europeus e, por isso, nós temos que mostrar que somos esse grande país, ou seja, a tecla do nacionalismo russo e das tradições russas vai ser a grande tecla durante a campanha eleitoral. E, além disso, ele vai também mostrar aos russos que ele significa o renascimento não só político da Rússia, mas também o renascimento em termos de defesa e em termos de poderio militar. O único problema que ele tem é que a economia russa está numa crise relativa e isso evidentemente faz com que haja descontentamento em vários sectores do eleitorado russo.

E como é que a União Europeia deve encarar a Rússia dos próximos anos?
A Europa precisa da Rússia, importa cerca de um terço daquilo que consome em gás natural da Rússia. Neste ano que terminou agora, em 2017, a Europa importou 37 mil milhões de dólares de gás da Rússia, por isso, a Europa continua a depender muito do gás e do petróleo russos. Por outro lado, a própria Rússia também precisa, evidentemente, de uma Europa forte, de uma Europa que invista na Rússia, de uma Europa que possa ser, digamos assim, um grande parceiro económico. Ou seja, a prazo, quer um lado, quer o outro, precisam de passar de uma situação de competição a uma situação de boa vizinhança.

Victor, estamos de certa maneira estamos já a olhar para o ano que chegou. Em 2018 vão realizar-se eleições em Itália e Rússia. Por outro lado vão manter-se em cima da mesa temas quentes que marcaram 2017: a questão dos refugiados, do Brexit. Que outros desafios espera a Europa para os próximos 12 meses?
Certamente um deles será o impasse na Catalunha e em que medida a União Europeia deve ou não deve tomar posição e que tipo de posição deve tomar em relação à questão da Catalunha e em relação a Madrid. Por outro lado, Merkel continua a lutar por uma coligação governamental na Alemanha, mas à medida que o tempo passa, nós assistimos a um enfraquecimento político na cena doméstica alemã de Angela Merkel. Nós iremos assistir em 2018 a um enfraquecimento interno de Merkel que provavelmente terá um impacto negativo sobre a sua capacidade de determinar e influenciar a agenda europeia. Vamos continuar a ter o problema da cooperação com África, que é um problema que não está resolvido, mas que vai certamente, em 2018, ganhar novamente uma grande visibilidade e, na segunda metade do ano vamos ter a Áustria na presidência da União Europeia e a Áustria com um governo muito conservador e com um governo em que uma parte dos ministros - e ministros importantes - é muito da direita, da extrema-direita

mesmo.

Mencionou a questão da migração e também da cooperação com África. Que outra abordagem é que poderia haver a partir de agora para esta relação Europa-África?
Tem que haver uma abordagem que tenha em conta vários factores. Por um lado, é preciso abrir muito mais as economias europeias às importações vindas de África. Continua a haver imensos obstáculos e esses obstáculos evidentemente não permitem às economias africanas desenvolverem-se e exportar em relação à Europa. Por outro lado, é fundamental também que a União Europeia promova mais a cooperação regional entre os países africanos e as questões de controlo nas fronteiras, as questões alfandegárias continuam a pesar bastante e de um modo negativo no desenvolvimento das economias de África. É preciso que a União Europeia ajude estes países a desenvolver a cooperação regional entre eles. Por outro lado, eu penso que é fundamental e esta é uma questão que é muito difícil de pôr em cima da mesa em Bruxelas, mas é uma questão que é fundamental que é a questão de uma cooperação trilateral em África. Ou seja, a Europa tem de trabalhar com a China no desenvolvimento dos países africanos. Quando se fala numa cooperação que envolva a União Europeia, a China e os países africanos, os dirigentes em Bruxelas ficam muito nervosos em relação a isso e pensam que a ideia de incluir a China é uma ideia que não deve ser mantida, não deve ser mencionada. Eu penso, no entanto, que é exactamente o contrário. A China é neste momento um parceiro incontornável no que diz respeito ao desenvolvimento dos países africanos e é fundamental que a União Europeia chegue a um acordo com as autoridades chinesas para que essa cooperação se possa fazer em conjunto.

Victor, e o que é podemos esperar então das duas presidências do Conselho Europeu? No primeiro semestre vamos ter a Bulgária e no segundo a Áustria, como referiu.
A Bulgária vai sobretudo insistir bastante nas desigualdades de desenvolvimento económico que se verificam actualmente na Europa. A Bulgária é um dos países que tem muitas dificuldades de crescimento económico e vai certamente insistir para que haja mais investimento e mais transferências dos países ricos da Europa em relação aos países menos desenvolvidos. A Áustria vai certamente insistir na questão das migrações, ou seja, pôr um travão à chegada de novos imigrantes e também vai certamente sublinhar a necessidade de se desenvolver uma política comum de fronteiras e desenvolver nomeadamente a FRONTEX, ou seja, a polícia europeia que se ocupa do controlo e da ajuda ao controlo das fronteiras europeias.

Por outro lado, é preciso também não esquecer que, apesar de tudo, a situação europeia do ponto de vista económico é relativamente positiva e encorajante. Isso também vai marcar, em certa medida, as relações entre os países europeus. Se a Europa continuar a crescer em 2018 como se prevê, esse crescimento em certa medida atenua algumas das tensões que existem ao nível nacional e nomeadamente das políticas contra Bruxelas, das políticas nacionais contra Bruxelas e, por outro lado, esse crescimento europeu permite fazer com que a narrativa sobre as vantagens da União Europeia continue a ser uma narrativa positiva e eu penso que isso é importante, o crescimento económico é importante.
Também em 2018 nós iremos assistir ao início da discussão sobre quem irá suceder no final de 2019, portanto no ano seguinte, a Jean-Claude Juncker. E esse vai ser provavelmente um dos grandes debates que a Áustria irá animar durante a segunda metade de 2018 e provavelmente isso mostrará também qual é a tendência que eles querem dar à construção europeia, se é uma tendência mais conservadora, se é uma tendência mais virada para a Europa tradicional ou se é uma tendência mais virada, digamos assim, para uma Europa mais livre, mais liberal e mais próxima, por exemplo, dos ideais sociais-democratas.

IV.

Estivemos então com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.

Tempo ainda para a nossa habitual nota de cultura. Esta semana sugerimos um livro considerado por críticos como uma das melhores obras editadas em 2017 em Portugal

"A Consciência das Palavras", do Nobel da literatura alemão de origem búlgara Elias Canetti foi editado pela Cavalo de Ferro em Portugal em Setembro do ano passado.

Trata-se de um volume de 15 ensaios, escritos entre 1962 e 1976, e que reúnem textos sobre personalidades como Confúcio, Georg Büchner, Tolstoi, Kafka, Karl Kraus e Hitler. Tem também uma evocação da tragédia de Hiroxima através do diário de um dos sobreviventes.

Desejamos boas leituras. Nós ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
2 de Janeiro de 2018

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.